



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**O FUTEBOL COMO CULTURA DE MASSA: UM OLHAR SOBRE A
PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS TORCIDAS ORGANIZADAS
DO BOTAFOGO DA PARAÍBA.**

MARIA ALICE SOARES DA SILVA

JOÃO PESSOA

2026

MARIA ALICE SOARES DA SILVA

O FUTEBOL COMO CULTURA DE MASSA: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO BOTAFOGO DA PARAÍBA.

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Junior.

JOÃO PESSOA

2026

MARIA ALICE SOARES DA SILVA

O FUTEBOL COMO CULTURA DE MASSA: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO BOTAFOGO DA PARAÍBA.

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Junior (Orientador)
(DH/UFPB)

Profa. Dra. Ana Beatriz Ribeiro Barros Silva (Examinadora)
(DH/UFPB)

Prof. Dr. Phelipe Caldas Pontes Carvalho (Examinador Externo)

*Aos que amam o futebol e a cultura da
arquibancada.*

AGRADECIMENTOS

Tenho muitos “obrigados”, durante essa trajetória de vida acadêmica. Admito que não foi fácil, passar por dois anos de uma pandemia durante a graduação e ter diversas incertezas perante o curso de História. Hoje, sinto-me satisfeita por não ter desistido e por ter acreditado que uma educação que alcança os que mais precisam é totalmente possível.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me conduzido até aqui, e consequentemente a minha família. Mãe, Pai, Irmãs e Sobrinha: Vocês são tudo para mim.

Agradeço aos meus grandes amigos Vitor Campos, Késsia Keline e Matheus Tatagiba que estiveram comigo durante todos esses anos e que além dos laços criados como estudantes de História, criamos laços de amizade e companheirismo eternos. Agradeço também, aos amigos Anderson Lima, Vitor Daniel, Marcos Gomes, Sérgio Alex, Katarina Araújo e Brenno Medeiros pelo apoio. Além disso, agradeço aos demais colegas do curso de História que compartilhei vivências durante esses anos.

Meus agradecimentos aos professores Lúcio Flávio Vasconcelos, Damião Lima, Solange Rocha, Ana Beatriz Barros, Ana Veiga, Jonas Duarte, Tiago Bernadon, Vanderlan Paulo e ao excelentíssimo orientador, Raimundo Barroso. Todos foram importantíssimos na minha trajetória como estudante de uma licenciatura.

Ainda, exalto aqui as torcedoras e torcedores do Botafogo da Paraíba que estiveram comigo durante essa pesquisa. Ao exímio pesquisador Phelipe C. P. Carvalho, um apaixonado pelo Botafogo da Paraíba. Às torcidas organizadas pesquisadas e todo o suporte que tive de seus adeptos. E o mais importante, agradeço a todas as mulheres que participaram dessa pesquisa.

Por fim, agradeço a minha companheira, amiga e namorada Hellen Souza por todo apoio durante esse processo. Gratidão por tanto amor!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo o aprofundamento histórico e etnográfico sobre a presença das mulheres nas torcidas organizadas do Botafogo Futebol Clube (o Botafogo da Paraíba) na cidade de João Pessoa - PB, visto que o futebol é, indubitavelmente, um objeto da cultura popular, historicamente difundido na sociedade brasileira. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa de campo com integrantes de três torcidas organizadas: Torcida Jovem do Botafogo da Paraíba, Império Alvinegro e Fúria Independente. A pesquisa consistiu na observação em campo, informações e histórias de vida das mulheres que compõem tais torcidas. Foram investigados aspectos como: o seu dia a dia dentro e fora dos estádios; a sociabilidade com outros torcedores e com a comunidade da qual cada “bonde” faz parte; as formas de comunicação; dentre outros elementos que compõem o universo das torcidas pesquisadas.

Palavras-Chave: Futebol; Mulheres; Torcida Organizada; Cultura; Botafogo Futebol Clube; João Pessoa; Paraíba.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo la profundización histórica y etnográfica sobre la presencia de las mujeres en las barras bravas del Botafogo Futebol Clube (el Botafogo de Paraíba) en la ciudad de João Pessoa - PB, dado que el fútbol es, indudablemente, un objeto de la cultura popular, históricamente difundido en la sociedad brasileña. De esta forma, se realizó una investigación de campo con integrantes de tres barras bravas: Torcida Jovem do Botafogo da Paraíba, Império Alvinegro y Fúria Independente. La investigación consistió en la observación en campo, información e historias de vida de las mujeres que componen dichas barras. Se investigaron aspectos como: su día a día dentro y fuera de los estadios; la sociabilidad con otros hinchas y con la comunidad de la que cada "bonde" forma parte; las formas de comunicación; entre otros elementos que componen el universo de las torcidas investigadas.

Palabras clave: Fútbol; Mujeres; Torcidas Organizadas; Cultura; Botafogo Futebol Clube; João Pessoa; Paraíba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dulce Rosalina, primeira mulher a presidir uma Torcida Organizada no Brasil.

Figura 2 - Bandeirão da Renovascão em homenagem a Dulce Rosalina.

Figura 3 - Irmãs Ramalho, fundadoras da Torcida Organizada Tira-Prosa.

Figura 4 - Imagem do Museu do Futebol, localizado em São Paulo, sobre a Torcida FluMulher.

Figura 5 - Presença de torcedores no Estádio José Américo de Almeida Filho, na final do Campeonato Paraibano de 2025.

Figura 6 - Festa da torcida no Lado Sol do Almeidão na final do Campeonato Paraibano de 2024.

Figura 7 - Diretoria da TOB em dezembro de 1975 homenageando o que viria ser o futuro presidente do Clube, José Flavio Pinheiro Lima.

Figura 8 - Símbolo da Torcida Jovem do Botafogo

Figura 9 - Integrantes da TJB presentes no jogo entre Botafogo e Sousa, pelo Campeonato Paraibano de 2026.

Figura 10 - Integrantes do Bonde Feminino da TJB.

Figura 11 - Símbolo do Bonde Feminino da TJB.

Figura 12 - Provocação do Bonde Feminino da TJB ao Campinense.

Figura 13 - Provocação da Fúria Feminina a Esporão Feminino, do Treze.

Figura 14 - Torcida Império Alvinegro, ocupando o Lado Sombra do Almeidão.

Figura 15 - Torcida Torcida ocupando o Lado Sombra, e parte da faixa de ocupação da Império Alvinegro a mostra.

Figura 16 - Símbolo da Torcida Fúria Independente do Botafogo.

Figura 17 - Festa de 17 anos da Fúria Independente.

Figura 18 - Elaine, integrante da Fúria Independente na festa de 17 anos da Torcida.

Figura 19 - Integrante da Fúria com faixa da Fanático, de Igarassu (PE).

Figura 20 - Ação da Fúria Feminina para a volta às aulas na Comunidade do Riachinho.

Figura 21 - Integrantes da Fúria cantando e dançando na festa de 17 anos da Torcida.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Quadro utilizado para a pesquisa com as torcedoras.....	43
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

CT - Centro de Treinamento

DPA - Dedo pro Alto

TJB - Torcida Jovem do Botafogo

TO - Torcida Organizada

TOB - Torcida Organizada do Botafogo

TOV - Torcida Organizada do Vasco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1. As Torcidas Organizadas: Contexto Brasileiro.....	16
1.1 As Mulheres nas Torcidas Organizadas no Brasil: Primeiros passos.....	17
CAPÍTULO 2. Botafogo Futebol Clube: Surge o Belo da Paraíba.....	19
2.1 As Torcidas Organizadas do Botafogo da Paraíba.....	24
2.1.2 Torcida Jovem do Botafogo (TJB).....	25
2.1.3 O Bonde Feminino da Torcida Jovem do Botafogo (TJB): “Charme, Atitude e Vibração!”.....	28
2.1.4 Império Alvinegro	32
2.1.5 As mulheres na Torcida Império Alvinegro.....	34
2.1.6 Torcida Fúria Independente.....	35
2.1.7 “Charme, Glamour & Porrada”: A Fúria Feminina.....	37
CAPÍTULO 3. Diário de Campo e Vozes Femininas.....	41
3.1 A opção pela História Oral e pela Etnografia.....	41
3.2 O Estigma e a Repressão: O tratamento das Autoridades.	42
3.3 As narrativas de Vida: Entre Encontros e Relatos.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil e em muitas outras partes do mundo é um fenômeno que envolve diversas camadas sociais. Embora pautado pela competição esportiva, ele carrega uma dimensão lúdica e festiva, funcionando como uma expressão cultural e de entretenimento. No cotidiano, sua presença é intensa: mobiliza paixões, mas também está associado a atitudes transgressoras, como conflitos nas ruas e a disputas políticas que evidenciam desigualdades sociais.

O futebol no Brasil funciona como um importante mecanismo de coesão social. Por meio desse esporte, a sociedade brasileira vivencia um sentimento único de coletividade e identidade compartilhada, adquirindo uma dimensão tão abrangente que consegue despertar intensas emoções em multidões. (HELAL, 1997, p. 25)

Assim, o futebol como parte importante da cultura brasileira, é um espaço onde os indivíduos vivenciam, dramatizam e atualizam emoções. Essas dinâmicas revelam, no tecido social, normas e comportamentos que vão muito além dos estádios. Nesse sentido, as torcidas organizadas de futebol, surgem com o intuito de reivindicar aspectos dos clubes e exercer participação política, que os torcedores “não organizados”, não conseguiam. (TOLEDO, 1996).

As torcidas organizadas, são historicamente, em sua maioria formadas por homens, e isso está imposto principalmente pela “cultura masculina” da arquibancada presente no Brasil. Ser mulher e pertencer a essa área (muitas vezes restritiva), requer esforço e lutas diárias para o acompanhamento do “bonde”¹. Durante muito tempo, no Brasil, o futebol esteve entre os espaços nos quais a presença das mulheres não eram socialmente aceitas sem questionamentos ou resistência. Ainda hoje, esse universo permanece marcado por concepções machistas, e compreender a participação feminina nele exige uma análise das questões de gênero envolvidas. Em outras palavras, as relações de gênero são fundamentais para refletir sobre o lugar ocupado pelas mulheres como torcedoras em um ambiente historicamente masculinizado, do qual elas foram, por muito tempo, desencorajadas a fazer parte. Pensar o futebol como parte

¹ "Bonde", termo originário de bailes funk, que designa coletivos identitários baseados em territórios periféricos. No contexto das torcidas organizadas, passou a denominar tanto os subgrupos regionais quanto a prática do deslocamento massivo de torcedores.

dessa cultura que abrange as massas, exige refletir sobre o papel feminino dentro desse espectro.

Assim, eu como uma mulher paraibana, atualmente moradora da cidade de João Pessoa e que desde criança acompanha futebol, questionava-me como as mulheres torcedoras e participantes das torcidas organizadas na cidade se reuniam, se relacionavam e faziam parte das estruturas das torcidas organizadas.

Atualmente, sou adepta da torcida organizada do Palmeiras, a Mancha Alviverde, e pela proximidade² que a Mancha Alviverde tem com a Torcida Jovem do Botafogo, resolvi pesquisar sobre as torcidas organizadas que são base do Botafogo Futebol Clube, um dos clubes mais populares da cidade de João Pessoa.

Dessa forma, a estrutura desta pesquisa organiza-se da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta a revisão historiográfica das Torcidas Organizadas no Brasil e discute como as mulheres passaram a fazer parte dessa cultura. No segundo capítulo, aborda-se o surgimento do Botafogo da Paraíba, sua história, suas torcidas organizadas e as mulheres nessas torcidas.

No capítulo final, é tratado o objeto central deste trabalho: a pesquisa de campo e seus resultados. Nessa etapa, o foco recai sobre a inserção feminina no espaço futebolístico, os estereótipos de gênero e as relações estabelecidas entre as torcedoras. Ainda, esta pesquisa também passa a trabalhar com as práticas simbólicas, como a fotografia para registro de campo. Por fim, destina-se um espaço às considerações finais e às referências bibliográficas utilizadas como suporte para esta pesquisa.

² A proximidade que a Torcida Organizada Mancha Alviverde tem com a Torcida Jovem do Botafogo da Paraíba se dá pela União Dedo Pro Alto (DPA). Essa união, segundo o *Observatório Social do Futebol*, é formada por uma rede de alianças entre torcidas organizadas em todo Brasil. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/observatorio-social-do-futebol-lanca-o-mapa-das-aliancas-entre-torcidas-organizadas>. Acesso em: 25 abr. 2025.

CAPÍTULO 1. As Torcidas Organizadas: Contexto Brasileiro.

Com a popularidade do futebol no Brasil, as primeiras Torcidas Organizadas emergiram no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, (TOLEDO, 1996) com destaque para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde a cultura do futebol já se consolidava de forma mais estrutural. Antes desse período, o apoio nos estádios era majoritariamente espontâneo: os torcedores compareciam individualmente, levando seu entusiasmo e cantando de maneira “informal”, sem uma liderança ou planejamento específicos. Aos poucos, no entanto, percebeu-se a potência de unir vozes e paixões em torno de um objetivo comum. A transição de uma torcida fragmentada para grupos organizados não foi imediata, mas sim um reflexo da própria evolução do futebol como espetáculo e da vontade dos torcedores de ter uma identidade coletiva mais forte. Essa mudança permitiu não apenas coordenar cânticos e apoio ininterrupto durante as partidas, mas também criar uma presença visual e emocional impactante, que marcou para sempre a relação entre clube e torcedor.

As Torcidas Organizadas consolidaram boa parte de sua identidade contemporânea a partir das décadas de 1970/1980. Originalmente, nos anos 1940, o ambiente nos estádios era marcado por um espírito comunitário e familiar, com uma presença significativa de mulheres, crianças e idosos, que frequentavam os jogos como um programa social. No entanto, o processo de industrialização e a intensa urbanização do país alteraram profundamente a dinâmica social, refletindo-se também no perfil das torcidas. Esse fenômeno foi gradualmente se transformando, deixando de ser uma expressão familiar para se tornar um “movimento de massa”, predominantemente juvenil e marcado por subculturas próprias, que redefiniram por completo seus códigos de comportamento e sua atuação nas arquibancadas.

Dos anos 80 para cá, sabe-se que, no Brasil, o comportamento do torcedor nas arquibancadas dos estádios de futebol modificou-se consideravelmente. Isso se deu pelo surgimento de configurações organizativas com característica burocrática/militar, fenômeno essencialmente urbano que cria uma nova categoria de torcedor, ou seja, o chamado "torcedor organizado". (PIMENTA, 2000)

1.1 As Mulheres nas Torcidas Organizadas no Brasil: Primeiros passos.

Por volta das décadas de 1910 e 1920 as mulheres participavam de jogos como telespectadoras, em uma época em que o futebol dava seus primeiros passos no país. Com a crescente popularidade, principalmente entre as décadas de 1940 e 1950, uma jovem em 1956 foi a primeira mulher a presidir uma Torcida Organizada no Brasil. Dulce Rosalina, aos 22 anos, passou a presidir a Torcida Organizada do Vasco (TOV), na qual introduziu a bateria e o papel picado na festa da arquibancada, tornando-se um símbolo da torcida vascaína. Ademais, após deixar a presidência da TOV em 1977, fundou a Torcida Renovascão.

Figura 1- Dulce Rosalina, primeira mulher a presidir uma Torcida Organizada no Brasil.



Figura 2- Bandeirão da Renovascão em homenagem a Dulce Rosalina.



Fonte: O Canto das Torcidas (Divulgação).

Vale ressaltar que nesse mesmo período, as Charangas³ eram as precursoras românticas e musicais das atuais torcidas organizadas do futebol brasileiro. Elas surgiram em uma época em que o estádio era um ambiente mais festivo e menos burocrático, focando quase exclusivamente no apoio sonoro e vibrante aos times.

Por conseguinte, a primeira Torcida Organizada feminina do Brasil, a Tira Prosa, foi fundada em 21 de setembro de 1975 por cinco irmãs torcedoras do São Bento, de Sorocaba (SP). Sua criação enfrentou grande preconceito por serem mulheres à frente de uma organizada, sofrendo hostilidade, xingamentos e desrespeito. Contudo, a TO teve apoio total do clube e de boa parte da imprensa daquela época, e foi frequentada tanto por homens como por mulheres.

Figura 3 - Irmãs Ramalho, fundadoras da Torcida Organizada Tira Prosa.



Fonte: Globo Esporte. Divulgação.

Adiante, uma mudança mais significativa na presença feminina nos estádios começou nos anos 1990, com torcedoras mais proeminentes. No entanto, o avanço decisivo é muito recente, a partir de meados das décadas 2000 e 2010. Isso reflete em ações afirmativas dos Clubes de Futebol, do incentivo ao esporte e principalmente das próprias TOs.

³ A origem de “charanga” não é totalmente certa, mas pode vir do espanhol *charanga* (talvez do basco *txaranga*, “banda de música”) ou até do árabe *sarâny* (“cítara”). A palavra entrou no português no século XIX, primeiro usada para pequenas bandas militares e depois passou a valer para outros grupos musicais e contextos festivos.

Um exemplo importante é a Torcida Organizada FluMulher, fundada em 2006 como a primeira torcida organizada exclusivamente feminina do Brasil. Seus objetivos vão além de torcer, buscando reunir mulheres e crianças e reduzir a violência nas arquibancadas, segundo suas organizadoras.

Figura 4 - Imagem do Museu do Futebol, localizado em São Paulo, sobre a Torcida FluMulher.



Fonte: Instagram / @flumulher. Divulgação.

CAPÍTULO 2. Botafogo Futebol Clube: Surge o Belo da Paraíba.

O Botafogo Futebol Clube, conhecido como Botafogo da Paraíba ou simplesmente pelo seu carinhoso apelido, Belo⁴, é uma das mais tradicionais agremiações esportivas do Estado da Paraíba.

A fundação do clube remonta a um período marcante da história do Brasil: os ecos da Revolução de 1930 ainda ressoavam no país, e a capital paraibana, recentemente renomeada em homenagem a João Pessoa, vivia um momento de transformações. Em meio a esse cenário, um grupo de jovens estudantes, apaixonados por futebol, reuniam-se para jogar “peladas”⁵ nos terrenos baldios da cidade.

⁴ Segundo o site *Baú do Belo*, o primeiro registro do Botafogo da Paraíba sendo carinhosamente apelidado de “Belo” deu-se em uma reportagem do jornal *O Norte*, publicada em 29 de maio de 1956. Conforme o site, após um gol do clube, um conselheiro chamado Antônio de Abreu e Lima, conhecido como “Tinoco”, gritou várias vezes a palavra “Belo”, e o apelido acabou sendo adotado pela torcida. Disponível em: <https://baudobelo.blogspot.com/2019/06/por-que-o-apelido-do-botafogo-e-belo.html>. Acesso em: 28 ago. 2025.

⁵ A palavra “pelada” designa, no Brasil, partidas informais de futebol jogadas sem regras rígidas, campo padronizado ou uniformes, em contraste com o futebol profissional. De caráter lúdico, pode ocorrer em qualquer

Por iniciativa de uma turma bastante jovem, na maioria juvenis, foi fundado no dia 28 de setembro de 1931, o Botafogo Futebol Clube. A reunião de fundação foi realizada no chalé n.º 45 situado à Rua Borges da Fonseca, hoje D. Pedro II, em frente ao projetado Hotel João Pessoa. A diretoria aclamada no ato da fundação foi a seguinte: Presidente: Beraldo de Oliveira; Vice-Presidente: Manoel Feitoza (Nezinho) 1º Secretário: Livonete Pessoa; 2º Secretário: José de Melo; Tesoureiro: Edson Machado e Orador: Enock Lins. Praticando o hoje chamado “futebol de pelada”, o time de Beraldo jogava descalço, bem animado com o nome do agrado dos juvenis da época para no ano seguinte ser vinculado a Liga de Barreiras, hoje Bayeus, que tinha São Bento como organizador. (MARQUES, 1975, p. 83)

espaço disponível. Quanto à origem do termo, há diferentes versões, mas etimologicamente ele pode vir do latim *pilella* (bola), possivelmente associada a *pelo*, já que as primeiras bolas eram de couro com pelos. O uso da palavra também pode estar ligado à aparência “sem grama” dos campos. Assim, o termo não tem relação com nudez. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/qual-e-origem-da-palavra-pelada-no-futebol/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

Nos primeiros meses após sua fundação, o Botafogo Futebol Clube começou a conquistar a simpatia do público pessoense por meio de bons resultados em campo. A equipe venceu seu primeiro amistoso contra o Triunfo por 1×0, realizado no Campo do América. Em 1932, o clube obteve seu primeiro título no Campeonato de Juvenis da Escola de Aprendizes de Marinheiro, local da atual Maternidade da Legião Brasileira de Assistência (LBA). Impulsionado pelo desempenho, o Botafogo filiou-se à Liga de Barreira (atual Bayeux) em 1933, também conhecida como Liga Suburbana ou Liga do São Bento, que à época realizava uma concorrência incipiente à Liga Desportiva Paraibana (LDP). Nesse mesmo ano, sagrou-se campeão após vencer o São Bento por 3×1 na decisão. Em 1934, já filiado à LDP, o clube investiu no reforço do elenco com atletas de outras agremiações, consolidando-se como uma equipe respeitada e com crescente apoio popular. Os resultados não tardaram: em 1935, foi vice-campeão paraibano e, em seguida, conquistou o tricampeonato estadual nos anos de 1936, 1937 e 1938.

Marcada a série “melhor de três”, Botafogo e Palmeiras realizaram o primeiro compromisso no dia 15 de Janeiro de 1939, vitória do time de Tourinho por 1x0, gol de Ronal aos 21 minutos 1º tempo. Na segunda partida, as equipes dividiram as honras da tarde, registrando o empate de 1x1, depois de uma luta dramática e difícil. Vale adiantar que cada um dos contendores perdeu um pênalti. Segundo a crônica esportiva, Humberto Sorrentino fez uma grande exibição de futebol, seguido de Clodoaldo, Félix, Alírio, Pagé, Ronal e Apôlonio Miranda, nosso ex-Prefeito, infelizmente já falecido. Na terceira e última partida, realizada no dia 29 de janeiro, o Botafogo venceu de 3x1, conquistando assim o tricampeonato do Estado (...) (MARQUES, 1975, p. 124)

Autodenominado o “Maior da Paraíba”, desde sua fundação até o momento que essa pesquisa aconteceu, o Botafogo Futebol Clube contava com 30 títulos do Campeonato Paraibano, sendo assim, o maior campeão do torneio. O Botafogo construiu sua sede e seu Centro de Treinamento (CT), mais conhecido como Maravilha do Contorno, no bairro do Cristo. Além disso, atualmente é mandante de grande parte de seus jogos no Estádio José Américo de Almeida Filho (Almeidão), também localizado no bairro do Cristo.

Figura 5 - Presença de torcedores no Estádio José Américo de Almeida Filho, na final do Campeonato Paraibano de 2025.

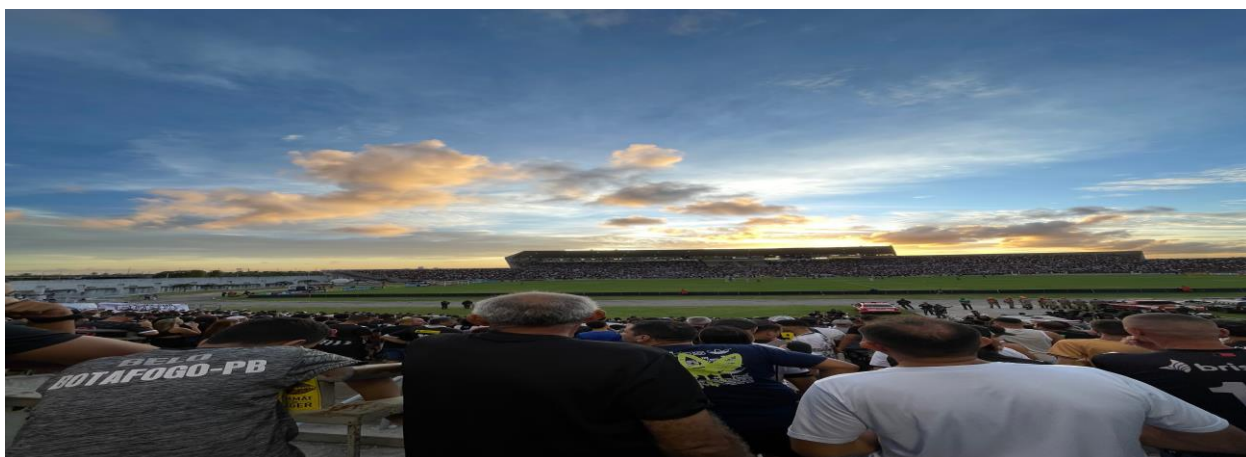


Foto: Maria Alice Soares da Silva. (30 marc.2025). Arquivo Pessoal

Figura 6 - Festa da torcida no Lado Sol do Almeidão na final do Campeonato Paraibano de 2024.



Foto: Maria Alice Soares da Silva. (13 abr. 2024). Arquivo Pessoal.

Apesar da sua grande popularidade na capital paraibana, considerando apenas os clubes locais, o Treze se destaca como o mais popular, com 29,4% da preferência. Logo atrás está o Botafogo-PB, com 26,8%, e o Campinense, com 23,4%. No interior do Estado, o Sousa lidera entre os times do Sertão, alcançando 9,3%, enquanto o Nacional de Patos ocupa a quinta colocação geral, com 3,8%. Dentre os que têm mais adeptos no Estado, os times do eixo Rio-

São Paulo, apresentam mais popularidade colocando o Flamengo como a maior torcida, somando 52,3% dos que apoiam algum time⁶.

Em resumo, o estudo não só confirma a predominância dos grandes clubes do eixo Rio–São Paulo entre os torcedores paraibanos, como também revela a forte disputa e rivalidade entre as principais equipes do Estado.

⁶ Dados retirados da pesquisa do Instituto Anova realizada em Março de 2025. Disponível em: <https://blogdomarciorangel.com.br/2025/04/02/pesquisa-anova-marcio-rangel-treze-tem-a-maior-torcida-dos-times-paraibanos/>. Acesso em: 16 Set. 2025.

2.1 As Torcidas Organizadas do Botafogo da Paraíba.

Como diversos outros clubes do Brasil e do mundo, o Botafogo da Paraíba abrange algumas Torcidas Organizadas. E nessas TOs os componentes tem sua própria “filosofia” de arquibancada, padrão de comportamento e hierarquias.

Dentre as TOs que compõem a massa botafoguense uma das primeiras que tenho relato é a TOB (Torcida Organizada do Botafogo), fundada em 1975.

Figura 7 - Diretoria da TOB em dezembro de 1975 homenageando o que viria ser o futuro presidente do Clube, José Flavio Pinheiro Lima.



Foto: Raimundo Nóbrega. Arquivo Pessoal.

E dentre os grupos que foram formando a massa de torcedores organizados do Botafogo ao longo dos anos, destaco a Torcida Jovem do Botafogo (TJB), fundada em 1997, o Império Alvi-Negro, de 2004, e a Fúria Independente, criada em 2008. Esta seleção justifica-se pelo objetivo central desta pesquisa: compreender como torcedoras organizadas compõem e atuam dentro de cada uma dessas torcidas em foco.

2.1.2 Torcida Jovem do Botafogo (TJB)

A Torcida Jovem do Botafogo (TJB), segue sendo uma das grandes pioneiras de TOs no Estado da Paraíba. Sua fundação em 1997 emerge de uma época em as TOs por todo Brasil, vinham ganhando cada vez mais força, principalmente entre os jovens.

Sua origem apresenta uma particularidade: diferentemente do padrão observado em outras torcidas, seus fundadores não eram predominantemente oriundos de periferias urbanas. Os membros fundadores provinham de bairros da capital João Pessoa, como a Torre e o Altiplano, incluindo assim indivíduos de classes médias. Contudo, a torcida rapidamente foi apropriada e reconfigurada por jovens das periferias de João Pessoa, alinhando-se a uma dinâmica característica das chamadas "Torcidas Organizadas de Pista", que são coletivos mais voltados para o confronto e a afirmação identitária através do embate, majoritariamente compostos por moradores de áreas periféricas. Assim, ainda que sua fundação não tenha sido efetuada por sujeitos periféricos, já no seu primeiro ano a torcida foi efetivamente ocupada por essa população. Essa ocupação se deu de forma tão acelerada e decisiva que os fundadores originais ou se distanciaram do grupo ou tiveram que se adaptar às novas dinâmicas impostas. O que se pode afirmar, portanto, é que, mesmo não tendo uma gênese periférica, a Torcida Jovem do Botafogo constitui-se historicamente como uma torcida de periferia.

Desde sua fundação até os anos que foram seguindo, as Torcidas Organizadas de Pista, ou melhor dizendo, os “bondes”, foram surgindo em diversos bairros da capital paraibana. Assim, o termo bonde, é apropriado e ressignificado no universo das torcidas organizadas, em especial pela Torcida Jovem do Botafogo e pela Fúria Independente. Entre torcedores provenientes de bairros da região metropolitana de João Pessoa e de municípios vizinhos, como Bayeux, Santa Rita e Cabedelo, “bonde” passa a operar como uma categoria nativa que nomeia o grupo de torcedores que se organiza a partir de vínculos territoriais específicos e se desloca coletivamente para os jogos. Nessa acepção, o termo não apenas descreve uma forma de mobilização, mas também expressa pertencimentos, alianças locais e formas de reconhecimento mútuo entre seus integrantes.

No interior desses agrupamentos, emerge a figura do “cabeça de bonde”, personagem central na mediação entre a torcida organizada e o território de origem do grupo. Reconhecido pelos demais torcedores como liderança local, o “cabeça” é responsável por articular a presença do bonde nos jogos, organizar deslocamentos, reunir os membros e garantir a circulação das

normas, valores e códigos morais da torcida. Sua atuação revela como a organização da torcida se enraíza em relações de proximidade, confiança e autoridade construídas no cotidiano dos bairros, conferindo ao bonde uma dimensão que extrapola o espaço do estádio e se projeta na vida social local.

Nesse sentido, a Torcida Jovem do Botafogo estabelece uma relação direta com as periferias de João Pessoa, compreendidas não como um espaço homogêneo, mas como um conjunto de territórios social e historicamente diversos. Essa multiplicidade aparece nas falas dos próprios integrantes da torcida, que rejeitam a ideia de uma unidade territorial ou identitária rígida. Conforme relatou o pesquisador e professor Phelipe Caldas Pontes Carvalho, torcedor do Botafogo, em entrevista realizada em Abril de 2025 a organização interna da torcida reflete essa diversidade.

A torcida é ligada às periferias de João Pessoa, mas não é uma periferia só. São várias periferias dialogando. A própria Jovem não é uma unidade em si. A ideia dos bondes vem daí, cada bonde representa um bairro diferente da cidade. (CARVALHO, 2025)

Figura 8 - Símbolo da Torcida Jovem do Botafogo.



A noção de “bonde”, nesse sentido, expressa uma forma de organização baseada no pertencimento territorial, permitindo que diferentes bairros periféricos se reconheçam como parte de uma mesma torcida, sem apagar suas especificidades. Essa estrutura revela como práticas culturais contemporâneas dialogam com processos históricos mais amplos de formação das periferias urbanas e de construção de identidades coletivas no espaço da cidade.

O entrevistado também destaca o perfil social predominante da torcida, caracterizando-a como formada majoritariamente formada por pessoas pobres, negras e residentes em bairros periféricos. Tal composição social é associada a uma reivindicação que ultrapassa o universo do futebol, aproximando-se de debates históricos sobre cidadania e acesso aos espaços públicos: A torcida do Botafogo é formada, em sua maioria, por pessoas pobres, negras e de bairros periféricos, que reivindicam o direito de torcer.

Essa reivindicação pode ser interpretada à luz do conceito de “direito à cidade” (LEFEBVRE, 2001), uma vez que a presença dessas populações nas arquibancadas constitui também uma forma de ocupação e ressignificação dos espaços urbanos. Assim como ruas, praças e bairros foram historicamente disputados por grupos populares, a arquibancada emerge como um espaço simbólico no qual se afirmam pertencimentos e se confrontam exclusões. Conforme destaca o pesquisador, “existe essa luta pelo direito do pobre estar na arquibancada, assim como existe a luta pelo direito à cidade” (CARVALHO, 2025).

Por fim, o entrevistado ressalta que as torcidas organizadas periféricas, desde sua formação, têm sido alvo de estigmatização social e de ações repressivas por parte do poder público, especialmente das forças policiais. Essa experiência histórica de controle e discriminação contribui para a compreensão da atuação dessas torcidas não apenas como prática esportiva, mas também como forma de resistência cultural e social. Conforme afirma o entrevistado, “desde a fundação, as torcidas organizadas periféricas sofrem preconceitos, estigmas e tratamento diferenciado por parte da polícia. Mesmo assim, existe uma resistência em continuar sendo torcida” (CARVALHO, 2025).

Figura 9 - Integrantes da TJB presentes no jogo entre Botafogo e Sousa, pelo Campeonato Paraibano de 2026.



Foto: Maria Alice Soares da Silva (24 jan. 2026). Arquivo Pessoal.

2.1.3 O Bonde Feminino da Torcida Jovem do Botafogo (TJB): “Charme, Atitude e Vibração!”

Fundado em 2005, o Bonde Feminino da TJB surge em um contexto no qual as mulheres, muitas vezes situadas nas margens e nos interstícios desse ambiente, buscam também conquistar seus próprios espaços. Nesse sentido, dentro da tradição das torcidas organizadas, formam-se os chamados bondes femininos, o que evidencia uma demarcação de gênero bastante significativa. Enquanto os demais bondes costumam se organizar a partir de critérios geográficos da cidade, o bonde feminino constitui a única exceção a essa lógica.

O bonde feminino rompe, portanto, com a organização territorial predominante e passa a se estruturar a partir da questão de gênero. Essa configuração expressa, em certa medida, a necessidade de união entre as mulheres integrantes da torcida, uma vez que, frequentemente, elas se encontram afastadas ou “marginalizadas” dentro do movimento das torcidas organizadas. Desse modo, a formação desses grupos femininos pode ser compreendida como uma estratégia coletiva de fortalecimento e de reivindicação por espaço e reconhecimento (BUTLER, 1990) .

Observa-se que, durante muito tempo, não apenas na TJB, mas em diversas torcidas organizadas no Brasil, estabeleceu-se uma separação bastante rígida entre aquilo que era considerado permitido ou adequado às mulheres e aquilo que não era reconhecido como parte de seu papel dentro da torcida organizada.

Nesse contexto, é possível observar que o bonde feminino da torcida conquistou uma série de direitos no interior da organização. Tais conquistas, contudo, não ocorreram de forma espontânea, sendo resultado de processos de disputa, reivindicação e negociação conduzidos pelas próprias mulheres integrantes do grupo.

Minha relação com a Torcida Jovem do Botafogo vem justamente da admiração que faz “estremecer” o lado sol do Almeidão (além da união DPA). Durante a minha pesquisa de campo, (na qual irei me aprofundar no capítulo 3) uma antiga integrante do Bonde Feminino, me concedeu uma “entrevista”, e percebi o quanto a torcida se entrelaça no dia a dia de suas integrantes, e como sua história passa de geração em geração. Essa antiga integrante na qual não quis se identificar, (irei chamá-la de entrevistada TJB) me contou que já fez parte da subdivisão da Cidade de Cabedelo, no Litoral Paraibano. Hoje, sendo mãe, ela transmitiu a essência, para a sua filha, hoje menor de idade.

Hoje eu tô longe da torcida, mas de vez em quando eu vou nos jogos. Antigamente era mais animado, né? Mas depois que a gente constrói família, tem filhos, a gente tende a se aquietar (...) O pai da minha filha já foi um dos puxadores⁷, então eu sempre tava lá. Tanto que hoje ela é doidinha pelo Botafogo por conta desse passado que a gente tem. (ENTREVISTADA TJB, 2025).

Assim, a memória coletiva é um mecanismo pelo qual grupos sociais preservam e transmitem tradições e práticas culturais, configurando uma forma de herança histórica (HALBWACHS, 2006). No contexto do futebol e das torcidas organizadas, essa transmissão pode se observar na “transmissão” de mãe para filha.

Além disso, a família exerce papel crucial como transmissora da herança histórica. A preferência por um clube, os hábitos de ir a jogos e as histórias de conquistas passadas são passadas dos pais para os filhos, moldando não apenas a identidade do indivíduo, mas também

⁷ Em uma Torcida Organizada, o puxador é o responsável por iniciar as músicas e gritos de guerra. Ele fica, geralmente, de costas para o campo e de frente para a torcida, ou no alambrado da arquibancada, ditando o ritmo do que deve ser cantado em cada momento da partida.

fortalecendo a memória coletiva da torcida. Assim, a socialização familiar mantém viva a tradição, demonstrando como a herança histórica se manifesta na vida cotidiana.

Figura 10 - Integrantes do Bonde Feminino da TJB.



Foto: Instagram @bondefemininotjb. Divulgação.

Figura 11 - Símbolo do Bonde Feminino da TJB.



Outra característica importante no contexto das torcidas organizadas é o uso de símbolos para identificação das torcidas, como pode ser percebido nas figuras apresentadas nesta pesquisa.. Essas torcidas, núcleos ou bondes costumam utilizar diversos símbolos de identificação, que servem para representar a identidade do grupo, marcar presença no estádio, fortalecer o sentimento de pertencimento entre os membros e/ou diferenciar um grupo do outro. Dessa forma, as tradições coletivas utilizam desses simbolismos e rituais para fortalecer suas respectivas identidades, transmitindo a sensação de continuidade histórica. (HOBSBAWM;

RANGER, 1984). Esse simbolismo também revela as rivalidades que o grupo possui. Principalmente com outros clubes do Estado, como Treze e Campinense.

Diferente de uma visão essencialista que esperaria das mulheres um comportamento exclusivamente pacífico ou pautado apenas pela sororidade, as integrantes de alas femininas muitas vezes adotam uma performance de gênero que mimetiza o confronto (BUTLER, 1990). Com isso, o gênero é construído através da repetição de atos. Nas arquibancadas, a "disposição para o embate" e a proteção dos materiais da torcida, como bandeiras, faixas e camisas, o chamado "patrimônio", tornam-se rituais de legitimação. A rivalidade entre bondes ou núcleos rivais, portanto, serve como um mecanismo de validação interna. Assim, ao enfrentar uma "inimiga", a torcedora reafirma seu pertencimento e fidelidade à sua instituição.

Figura 12 - Provocação do Bonde Feminino da TJB ao Campinense.



Foto: Instagram @bondefemininotjb. Divulgação.

Figura 13 - Provocação da Fúria Feminina a Esporão Feminino, do Treze.

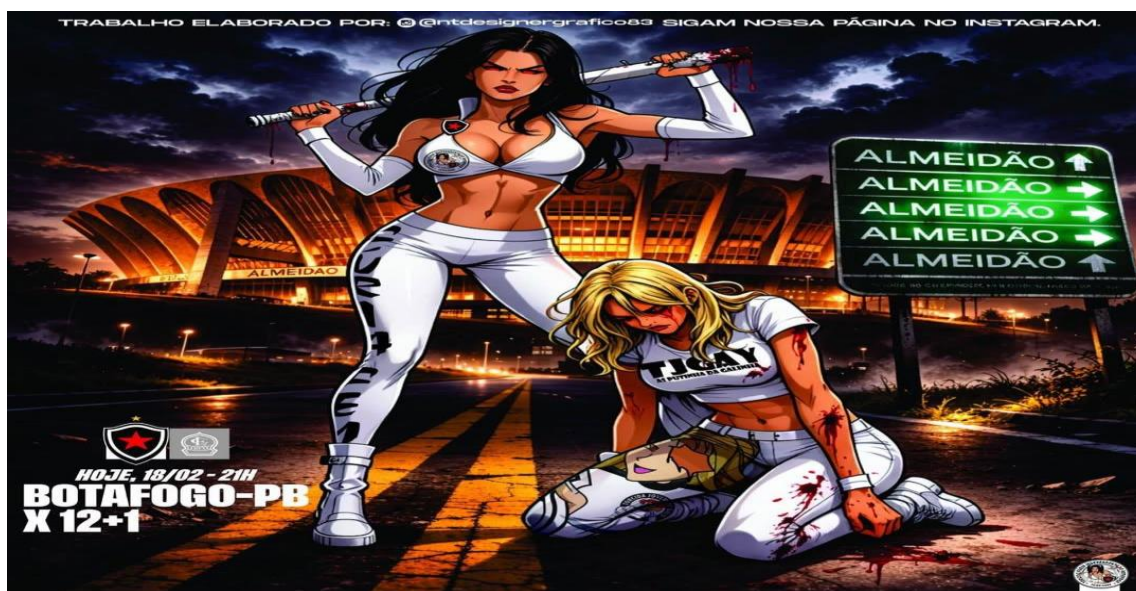


Foto: Instagram @furiafemininaofcl. Divulgação.

Exemplo desse embate são as provocações, seja na arquibancada, nos gritos de guerra ou nas redes sociais. Dessa forma, provocação não é um ato vazio, mas um exercício de alteridade. Quando analisamos o Bonde Feminino da TJB e a Fúria Feminina, especialmente no contexto do Lado Sol, a provocação ganha nuances de empoderamento e demarcação de território. Para essas mulheres, provocar a torcida rival é uma forma de dizer que elas não são meras espectadoras, mas parte integrante da torcida que sustenta a identidade do clube e da arquibancada.

2.1.4 Império Alvinegro

Em 2004, surge a Império Alvinegro, TO que aos poucos foi tomando conta do lado “sombra” do Estádio Almeidão. Naquele momento, a TJB tomava conta da “atmosfera” do estádio, e para “equilibrar” essa parte muitas vezes “apática”, a Império Alvinegro da Estrela Vermelha, é criada para transformar a energia das arquibancadas e transformar o ambiente do estádio.

O principal responsável pela execução da ideia foi um torcedor chamado Almir Pinheiro, que enfim a batizou com o nome original de Império Alvinegro da Estrela Vermelha. Foi um início quase amador, desprezioso até, em que os torcedores receberam muita resistência de quem já tinha o hábito de torcer sentado e sem ser muito importunado. Mas, ao mesmo tempo, era um trabalho lento e dedicado de um

grupo que pretendia mudar as dinâmicas daquele setor do estádio (CARVALHO, 2019, p. 105).

Em contramão de outras torcidas organizadas do Botafogo, a Império extinguiu seus bondes no ano de 2025. Com isso, todos os integrantes passaram a atuar exclusivamente sob o nome e o escudo da Império Alvinegro, sem distinções entre grupos, ou subdivisões internas, reafirmando uma identidade institucional única.

Figura 14- Torcida Império Alvinegro, ocupando o Lado Sombra do Almeidão.

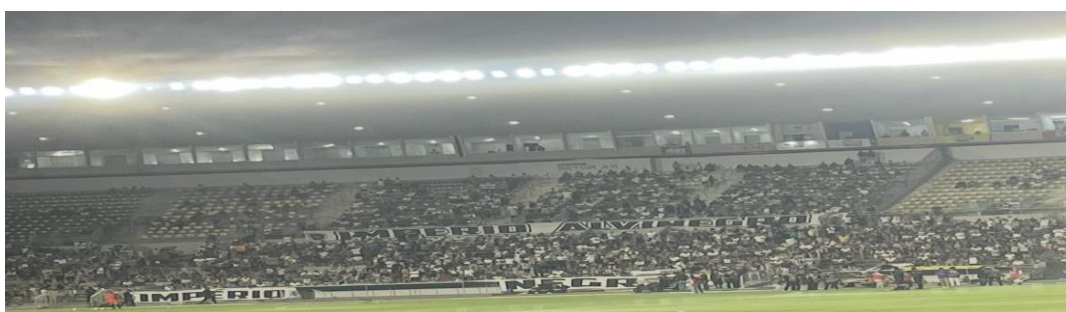


Foto: Maria Alice soares da Silva. (22 jan. 2026). Arquivo Pessoal.

A identidade não é um elemento fixo ou essencial, mas uma construção social produzida a partir de discursos, práticas e relações coletivas (HALL, 2006). Sob essa perspectiva, a decisão da torcida de eliminar subdivisões internas e reafirmar uma identidade única pode ser compreendida como um processo de reconstrução discursiva, no qual o grupo redefine seus símbolos, pertencimentos e formas de representação, fortalecendo sua coesão institucional e sua atuação coletiva no espaço esportivo.

De acordo com a própria torcida, destaca-se que tal medida não implica a desconsideração da trajetória histórica construída pelos bondes, tampouco a desvalorização das contribuições individuais e coletivas de seus membros. O que preza principalmente, pela unidade da torcida. Ou seja, uma resistência aos demais padrões de Torcidas Organizadas.

2.1.5 As Mulheres na Torcida Império AlviNegro.

Como já citado anteriormente nesta pesquisa, a Torcida Império Alvinegro se constitui como um núcleo só, ou seja, não existem os bondes, ou subdivisões em sua organização. Contudo, as mulheres dentro da Império constituem um lado social importante para a torcida e para as comunidades na qual a torcida atua. A presença feminina no Império Alvinegro, do Botafogo da Paraíba, é um exemplo de vanguarda e resistência dentro do cenário das torcidas organizadas brasileiras, afastando-se do papel meramente figurativo para assumir o protagonismo político e administrativo. Observa-se que as mulheres alcançaram postos de alta relevância na hierarquia da torcida, ocupando cargos importantes dentro da própria diretoria.

Esse protagonismo se estende ao ativismo social, que promove um ambiente mais seguro e inclusivo no Almeidão, combatendo assédio e machismo. Ao equilibrar a cultura da torcida organizada com as pautas de gênero, a Império constrói uma identidade própria que ressignifica o espaço da mulher no futebol paraibano, unindo paixão clubística e luta por representatividade política.

Durante minhas incursões ao setor Lado Sombra, espaço que abriga a Império Alvinegro e a Torcida Organizada importante que é o Setor 31, observei uma configuração de público que destoa dos estigmas habituais. Notei uma presença expressiva de mulheres, muitas das quais não portavam uniformes de torcidas organizadas, além de um fluxo constante de crianças, adolescentes e idosos. Na ocasião, fui recebida por uma torcedora que estava utilizando uma camisa da Império e acompanhava seus filhos. Sendo muito simpática, ela afirmou que faz questão de levá-los aos jogos sempre que possível, ainda que o ambiente seja marcado pela “zoada” e pela agitação inerentes ao estádio.

Rapaz, aqui na nossa Torcida, você pode ver que é assim, homens, mulheres e crianças todos juntos acompanham o Belo e sempre que tem jogo do Belo, tô vindo com meus filhos, às vezes trago outros familiares e a gente vai fazendo nossa festa (ENTREVISTADA DA IMPÉRIO, 2026).

Figura 15 - Torcida ocupando o Lado Sombra, e parte da faixa de ocupação da Império Alvinegro a mostra.

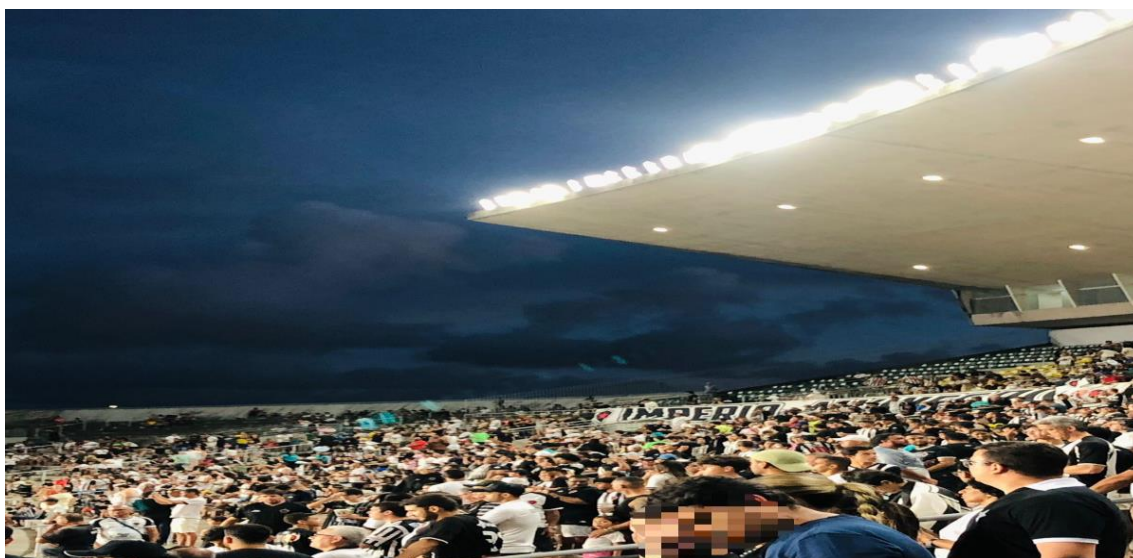


Foto: Maria Alice Soares da Silva. (22 fev. 2026). Arquivo Pessoal.

2.1.6 Torcida Fúria Independente

A Torcida Fúria Independente do Botafogo-PB foi idealizada e fundada em 15 de agosto de 2008, no bairro de Mangabeira, por Léo Frank, conhecido como Léo PCM. Sua criação teve como finalidade prestar apoio contínuo ao Botafogo Futebol Clube da Paraíba, independentemente das circunstâncias esportivas vivenciadas pela equipe. A referida torcida organizada surgiu em um contexto marcado por desafios institucionais e sociais, os quais foram progressivamente superados ao longo de sua trajetória. Atualmente, a Fúria Independente mantém-se ativa e consolidada, destacando-se por sua resistência, organização e atuação permanente no cenário do futebol paraibano.

Assim como a TJB, a Fúria também conta com seus bondes, responsáveis pela organização e pela ocupação de espaços, tanto dentro quanto fora do estádio.

Figura 16 - Símbolo da Torcida Fúria Independente do Botafogo.



A Fúria Independente teve sua origem a partir de uma dissidência da Torcida Jovem do Botafogo (TJB). Inicialmente, o grupo que posteriormente daria origem à Fúria era conhecido como “Bonde de Mangabeira”, atuando como um subgrupo vinculado à TJB. Com o crescimento expressivo desse subgrupo, passaram a surgir conflitos internos e divergências organizacionais, o que culminou no afastamento de seus integrantes da torcida original. A partir desse processo de ruptura, foi fundada uma torcida independente, dando origem à Fúria Independente.

É importante ressaltar que diferente da TJB, na qual suas subdivisões são os chamados bondes, na Fúria temos os comandos para designar grupos de torcedores de determinados bairros ou cidades da região metropolitana de João Pessoa.

As desavenças e rivalidades existentes entre a Fúria Independente e a TJB têm raízes neste período de convivência organizacional. Tais conflitos no interior de um campo social decorrem da disputa por capital simbólico, reconhecimento e poder. No contexto das torcidas organizadas, essas disputas manifestam-se por meio da apropriação de símbolos, da ocupação de territórios e da afirmação de hierarquias. No ano de 2025, por exemplo, tanto a TJB como a Fúria protagonizaram um episódio de violência entre si, após um jogo do Campeonato Brasileiro da Série C.⁸

⁸ Disponível em: <https://ge.globo.com/pb/futebol/times/botafogo-pb/noticia/2025/07/29/arbitro-registra-em-sumula-briga-de-organizadas-do-botafogo-pb-em-duelo-contra-o-brusque-video.ghtml>. Acesso em: 07 Nov. 2025.

Apesar da recorrência de embates e rivalidades, constata-se a existência de relações ambíguas entre membros de ambas as torcidas, nas quais o conflito convive com práticas de respeito e reconhecimento mútuo. A separação física imposta no Estádio Almeidão, mesmo que seja no setor Sol, local em que ambas ocupam, configura-se como um mecanismo institucional de controle e ordenamento dos corpos, visando à contenção de possíveis confrontos. No entanto, tal medida não elimina por completo as interações simbólicas entre os grupos, que continuam a negociar limites de convivência e pertencimento. Dessa forma, a rivalidade não deve ser entendida apenas como oposição total entre grupos, mas como parte de um processo social mais amplo, no qual convivem conflitos, regras e formas próprias de convivência no universo das torcidas organizadas.

Figura 17 - Festa de 17 anos da Fúria Independente.



Foto: Maria Alice Soares da Silva. (06 dez. 2025). Arquivo Pessoal.

2.1.7 “Charme, Glamour & Porrada”: A Fúria Feminina.

Sendo uma parte importante da Torcida Fúria Independente do Botafogo, a Fúria Feminina, em minhas observações, chamou a atenção por constituir um núcleo particularmente

vibrante e engajado. Grande parte de suas integrantes é composta por mulheres oriundas de contextos periféricos, que sempre estão presentes nos jogos do belo, ou em projetos sociais em diversas comunidades da capital paraibana.

No dia 06 de Dezembro de 2025, estive na Festa de 17 anos da torcida, e logo percebi a quantidade de mulheres presentes no evento. Entre cânticos e gritos de guerra, as mulheres dançavam e pulavam umas com as outras aos sons do rap, funk e brega funk.

Figura 18 - Elaine, integrante da Fúria Independente na Festa de 17 anos da Torcida.



Foto: Maria Alice Soares da Silva. (06. dez. 2025). Arquivo Pessoal.

Outros elementos também me chamaram a atenção, como o espírito de coletividade e amizade entre a torcida e suas aliadas. Excepcionalmente com a Fanático (Torcida Organizada do Náutico).

Figura 19 - Integrante da Fúria com faixa da Fanático, de Igarassu (PE).

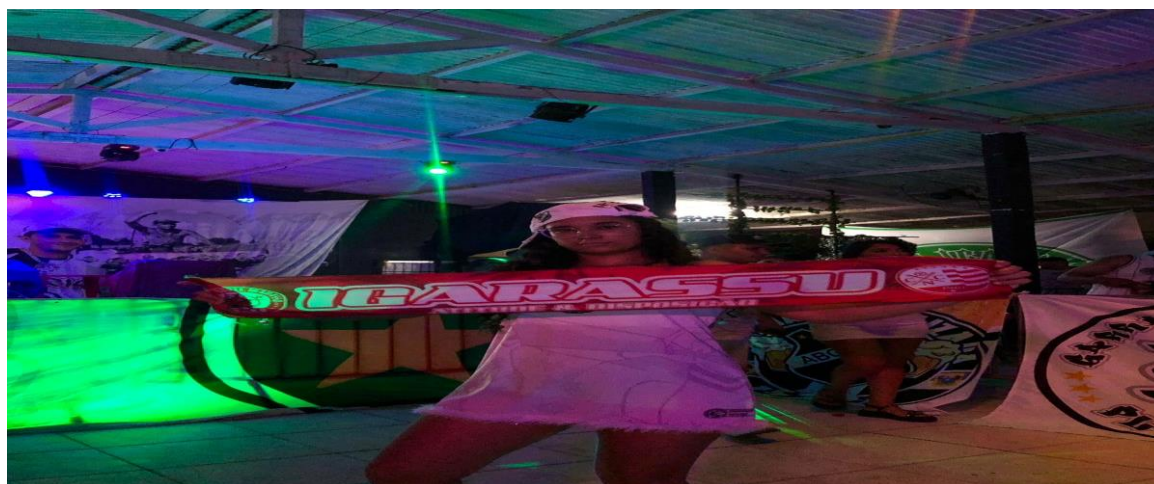


Foto: Maria Alice Soares da Silva. (06 dez. 2025). Arquivo Pessoal.

As alianças são fundamentais para compreender os laços estabelecidos entre por meio da solidariedade e do engajamento social. No cenário das torcidas organizadas no Brasil, as alianças funcionam como uma complexa rede de diplomacia de rua que molda o comportamento de milhares de torcedores além das fronteiras estaduais. Longe de serem apenas demonstrações de simpatia, essas uniões são pactos estratégicos de logística e defesa, baseados na máxima de que o inimigo de um aliado é, automaticamente, um adversário comum. Esse sistema cria uma geografia própria no futebol brasileiro (nesse caso se tratando de nordeste brasileiro) quando uma torcida viaja para um estado onde possui aliados, ela recebe suporte completo, que vai desde o alojamento em sedes e alimentação até a proteção armada ou física contra grupos rivais locais. O símbolo dessa fraternidade é visto frequentemente nas arquibancadas, onde torcedores entoam cânticos de exaltação a clubes de outros estados ou utilizam gestos corporais específicos para identificar a qual "família" pertencem. Justificando não somente a aliança com a Fanático, como também outras torcidas do Brasil inteiro.

Dessa forma, as divisões que conhecemos hoje como Lado A e Lado B representam muito mais do que simples nomes: elas formam o cerne das alianças entre torcidas, com um peso histórico principalmente no Nordeste. Essa dinâmica é oriunda da lógica dos antigos bailes funk de corredor, onde os frequentadores se dividiam por território ou área de influência. Nesse cenário, essa segmentação ganhou corpo com o pioneirismo da Leões da TUF (Fortaleza)

e da Cearamor (Ceará). Vale notar que, no recorte atual desta pesquisa, tanto a TJB quanto a Fúria estão alinhadas ao Lado B⁹.

Outro fator importante é a ação social feita por essas torcidas, embora frequentemente associadas pela mídia a episódios de violência, elas possuem um lado social extremamente ativo e estruturado. Para muitos desses grupos, a ação social é um pilar fundamental de sua identidade, funcionando como uma forma de exercer cidadania e estreitar laços com as comunidades onde estão inseridas.

Assim, a ação social das torcidas organizadas deixa de ser um fenômeno isolado de caridade ou de violência para se tornar uma complexa manifestação de sobrevivência e busca por poder simbólico. Sob essa ótica, o comportamento do torcedor é regido pelo *habitus*, um conjunto de disposições aprendidas que funciona como uma "gramática" de conduta: o indivíduo não apenas torce, ele incorpora o modo de falar, vestir e agir do grupo, transformando a ação social em uma extensão natural de sua identidade coletiva. Ao organizar uma doação de alimentos ou um mutirão de sangue, o torcedor está exercendo esse sentido prático, reafirmando sua pertença a uma estrutura que lhe confere um papel no mundo.

Figura 20 - Ação da Fúria Feminina para a volta às aulas na Comunidade do Riachinho.



Foto: Instagram @furiafemininaofcl. Divulgação.

⁹ Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/mapa-das-aliancas-entre-torcidas-organizadas-2024/>. Acesso em: 07 Dez.2025

CAPÍTULO 3. Diário de Campo e Vozes Femininas.

Nesse terceiro capítulo, são apresentados os caminhos metodológicos percorridos, detalhando a experiência da pesquisa de campo e o uso da história oral como ferramenta de análise das vivências femininas nas arquibancadas (e fora delas).

3.1. A Opção pela História Oral e pela Etnografia.

A construção desta pesquisa não se limitou ao levantamento bibliográfico ou à análise de documentos oficiais; ela foi erguida, primordialmente, através do contato com as mulheres. A opção metodológica pela História Oral e pela Etnografia justifica-se pela necessidade de dar visibilidade às mulheres torcedoras do Botafogo-PB, cujas trajetórias são frequentemente silenciadas nas narrativas tradicionais do futebol paraibano.

A utilização da História Oral permitiu que o foco da investigação se deslocasse do evento esportivo em si para a experiência humana. Segundo Thompson (2002), a história oral possibilita a construção de uma história "viva", capaz de transformar o conteúdo da história ao abrir espaço para grupos que, de outra forma, não deixariam registros escritos. No contexto das torcidas organizadas Torcida Jovem, Império e Fúria, as entrevistas e os relatos de vida serviram como ferramentas para captar não apenas dados, mas as subjetividades, os sentimentos de pertencimento e as resistências cotidianas dessas mulheres.

Complementarmente, a abordagem etnográfica foi essencial para compreender a cultura de massa e a sociabilidade nas arquibancadas. A inserção em campo, permitiu que esta pesquisadora observasse as dinâmicas de poder e as redes de afeto que se formam nos arredores do Almeidão e nas sedes das torcidas. Assim, a etnografia busca uma "descrição densa" dos fenômenos sociais. (GEERTZ,1989)

Dessa forma, o trabalho de campo não foi apenas uma etapa de coleta, mas um processo de diálogo. Ao registrar como as mulheres como essas mulheres estão inseridas dentro dessas torcidas, esta pesquisa busca documentar como a identidade de "torcedora organizada" é

construída no cruzamento entre a paixão clubística e a afirmação de gênero, transformando o ato de torcer, em um espaço de luta e visibilidade feminina.

3.2 O Estigma e a Repressão: O Tratamento das Autoridades.

Ao circular entre as torcidas do Lado Sol e do Lado Sombra do Almeidão, pude perceber que existem diferenças significativas entre o torcedor não organizado e o torcedor organizado. Essas distinções manifestam-se em aspectos físicos, na composição de classe e, de modo particularmente revelador, no tratamento que recebem por parte das autoridades.

Somos discriminados por sermos uma torcida organizada. Nós, da torcida, consideramos isso um trabalho social, mas somos julgados apenas por fazermos parte de uma torcida organizada. Quando se fala em torcida organizada, a primeira coisa que as pessoas pensam é em violência. (ELAINE, 2025)

É importante notar que essa repressão não é nova. Historicamente, o Estado brasileiro sempre vigiou de perto as aglomerações populares. No caso das mulheres nas torcidas do Botafogo, essa pressão é dupla: elas sofrem o estigma de serem "organizadas" e o preconceito de gênero por estarem em um ambiente que a polícia ainda lê como masculino e hostil.

Nesse sentido, as políticas de segurança nos estádios brasileiros fundamentam-se, muitas vezes, numa lógica de "perigosidade", onde o torcedor deixa de ser visto como um cidadão em lazer para ser tratado como um potencial infrator. Para o autor, o Estado tende a criminalizar o coletivo, utilizando a repressão como principal ferramenta de controle de massas, o que frequentemente resulta em ações desproporcionais.

Essa realidade teórica materializou-se durante o meu trabalho de campo, especificamente na final do Campeonato Paraibano de 2025. Na ocasião, presenciei o uso de bombas de efeito moral e balas de borracha pelas forças policiais para dispersar a multidão. O que mais impressiona, é que tal violência não escolhe alvos, pois atingiu indiscriminadamente mulheres e crianças, inclusive do lado sombra, demonstrando que a lógica da repressão, outrora restrita às organizadas, expande-se para todo o público quando o Estado abdica do diálogo em favor da força.

3.3 As Narrativas de Vida: Entre Encontros e Relatos.

Nesse espectro das Torcidas Organizadas, falar sobre machismo, relações de gênero, as diferenças entre setores do Almeidão e o papel da mulher nessas torcidas organizadas foi essencial para entender a contribuição de cada mulher que participou desta pesquisa.

A melhor maneira que encontrei para observar, conversar e estar perto é principalmente minha ida ao estádio, nas festas realizadas pelas torcidas, eventos sociais que ambas organizavam e redes sociais, como Instagram e WhatsApp.

E para evidenciar o que foi realizado nesta pesquisa, três mulheres participaram do quadro que cita os tópicos que foram relatados acima. É importante ressaltar que algumas mulheres não quiseram se identificar, o que foi totalmente respeitado para o prosseguimento da pesquisa.

1. Quadro utilizado para a pesquisa com as torcedoras.

Tópicos abordados / Entrevistadas	Entrevistada 1 (TJB)	Entrevistada 2 (Fúria)	Entrevistada 3 (Império)
1. Motivação e Início	"Torço pelo Belo desde que me entendo por gente. Mas quando comecei a me relacionar com o pai da minha filha, comecei a frequentar a organizada."	"O clube em si se tornou um pedaço de mim. Antes eu era flamenguista, e hoje sou Belo com força. Minha entrada vem de acompanhar conhecidos e aliados."	"Meu pai torce pro Belo, daí veio esse amor. A Império veio como consequência desse amor, e hoje foi a minha melhor escolha."
2. Cotidiano na Torcida	"Geralmente eu só participava das festas e dos encontros com outras	"Sempre que tem caravana eu tô fazendo um jeito de ir.	"Sempre que tem, faço um jeito de ir. Outras integrantes também se

	organizadas. Nunca viajei ou algo do tipo, por conta do trabalho e dos filhos."	Principalmente nos jogos contra o povo de Campina. Acho que é importante a gente tá lá."	juntam. Essa união que a gente tem fortalece a nossa torcida."
3. Diferenças de Gênero	"Sim. Não sei como está hoje, porque não participo mais. Mas antigamente tinha algumas diferenças de tratamento."	"Sim. A diferença é gritante."	"Diferenças acredito que exista em todas as torcidas, né? Mas somos uma família, então tudo é resolvido com a união."
4. Preconceito e Repressão	"Sim."	"Sim. Somos discriminados por ser organizada. Somos julgados apenas por isso. A primeira coisa que pensam é violência."	"Claro. Já ouvi piadas de outros torcedores dentro do estádio. Infelizmente é algo que tá na nossa sociedade."
5. Você acredita que mais mulheres possam participar da torcida?	"A nova geração tá vindo forte. Minha filha de 14 anos vive com a camisa da TJB."	"Sim. Sofremos preconceito, escutamos que veio só acompanhar o marido. Juntas temos força e nos mantemos uma torcida firme."	"Com certeza. Que venham mais, juntas somos mais fortes."

A sistematização dos relatos apresentados no Quadro evidencia que a presença feminina nas arquibancadas do "Lado Sol" não se configura como um fenômeno homogêneo, mas como uma tessitura multifacetada, composta por distintas motivações e estratégias de resistência. Verifica-se que, para determinadas entrevistadas, a herança familiar constitui a principal via de inserção nesse universo, ao passo que, para outras, o pertencimento a redes de sociabilidade e afeto emerge como fator preponderante. Tal configuração sugere que a torcida organizada se apresenta, para essas mulheres, como uma extensão do espaço doméstico e das relações afetivas previamente estabelecidas. Não obstante, a análise dos depoimentos revela que esse território de paixão é igualmente palco de tensões recorrentes, isso materializa-se no cotidiano das entrevistadas por intermédio de uma vigilância, e julgamento social que persistentemente questiona a autonomia feminina no estádio. As falas que denunciam o preconceito de serem percebidas exclusivamente como "acompanhantes" ou "figuras estéticas" (Tópico 5) explicitam a permanência do machismo estrutural, o qual ainda busca confinar a torcedora a um papel de passividade e subalternidade.

Por outro lado, a vitalidade da "nova geração", mencionada pela Integran 1 (TJB), bem como o sentimento de união coletiva expresso pelas integrantes da Fúria e da Império, indicam um processo crescente de ocupação e consolidação da presença feminina nesse espaço. Tanto o Lado Sol, quanto o Lado Sombra do Almeidão, nesta perspectiva, transcende sua dimensão meramente geográfica para se constituir, a partir das narrativas e do olhar analítico desta investigação, como um lócus de afirmação política e identitária para essas mulheres.

Ao cotejar os registros do diário de campo com as vozes dessas protagonistas, o presente capítulo cumpriu o propósito de documentar uma história, que por muitas vezes foi marginalizada. Consta-se, portanto, que as arquibancadas do Almeidão testemunham a emergência de um movimento de mulheres que, ao torcerem pelo Belo, reconfiguram seu próprio lugar nessa cultura que envolve as massas, que é o ato de torcer e de pertencer a uma Torcida Organizada, e, ressignificando o ato de "ser organizada" como uma prática de coragem e sororidade.

Figura 21 - Integrantes da Fúria cantando e dançando na festa de 17 anos da torcida.



Foto: Maria Alice Soares da Silva. (06 dez. 2025). Arquivo Pessoal.

A imagem apresentada evidencia, a exemplo, de forma simbólica, a construção da irmandade entre mulheres em um contexto coletivo e festivo. O gesto de estarem reunidas representa uma prática de sororidade, na qual se estabelece uma rede de apoio baseada na confiança, no afeto e na solidariedade.

Para essas mulheres, torcer implica o cuidado com o espaço comum e com a integridade física de seus pares, estabelecendo redes de apoio que garantem a circulação segura e o acolhimento de novas torcedoras em um ambiente visto como historicamente “hostil”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio desta pesquisa revelaram uma dualidade marcante que define a inserção feminina nessas Torcidas Organizadas. Se, por um lado, a torcida organizada oferece a essas mulheres um senso de pertencimento, lazer e rede de apoio, configurando uma experiência de sororidade e o que Eric Hobsbawm (1984) define como uma "tradição inventada", capaz de criar laços de continuidade e identidade coletiva em meio à fragmentação da vida urbana, por outro, elas enfrentam um cotidiano marcado por uma vigilância dupla. Conforme analisado, o estigma da violência e a repressão institucional, como parte da "criminalização do coletivo", incidem de maneira particular sobre suas presenças nas arquibancadas, onde o corpo feminino é constantemente vigiado tanto pelo Estado quanto pelo patriarcado.

O futebol, enquanto espetáculo que abrange as massas, que aproxima e também segrega, não apenas reflete as contradições da sociedade, mas constitui o palco no qual essas mulheres negociam sua visibilidade e constroem suas trajetórias. Nesse sentido, o almeidão funciona como um espaço de representação onde sujeitos subalternizados buscam protagonismo. Cabe ressaltar que a maioria das mulheres ouvidas nesta pesquisa são mães, trabalhadoras e residentes de áreas periféricas. Para elas, o futebol não é apenas um consumo passivo, mas uma prática cultural onde encontraram, ainda que em um ambiente por vezes inamistoso, um espaço de acolhimento e bem-estar.

Essa rede de afetos é fundamental para a manutenção dos laços comunitários e para a afirmação de suas identidades. Seja no Lado Sol ou no Lado Sombra do Almeidão essas torcedoras subvertem a lógica da passividade feminina no espectro futebolístico, transformando a torcida organizada em um território de resistência política e social. Registrar suas vozes é, portanto, reconhecer que a história dessas Torcidas Organizadas e da cultura popular paraibana é tecida cotidianamente por mulheres e meninas que desafiam o estigma para exercer seu direito de ocupação à cidade e ao bem-estar.

REFERÊNCIAS

A RELEVÂNCIA das torcidas organizadas femininas para a ascensão de mulheres nas arquibancadas cariocas. **Jornal O Casarão** (UFF), [S. l.], 6 jan. 2026. Disponível em: <https://jornalocasarao.uff.br/2026/01/06/a-relevancia-das-torcidas-organizadas-femininas-para-a-ascensao-de-mulheres-nas-arquibancadas-cariocas/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012. Acesso em: 25 jan . 2026.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **Colado com nós, colado com a Maioral: uma etnografia sobre alianças e rivalidades da Torcida Jovem do Botafogo-PB**. 2024. 235 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **O belo e suas torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba**. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade no Brasil. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997. p.25.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça**: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo social. vol.26 no.1 São Paulo Jan./Jun. 2014.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A torcida brasileira**: utopia e realismo no debate sobre o futebol-espetáculo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Ana Daniella Fechine. **Futebol de mulheres**: um estudo feminista nos campos e nas arquibancadas de João Pessoa/PB. 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

MALTEZ, Juliana Campos. **Participação feminina no universo futebolístico**: um estudo sobre a torcida organizada. 2014. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MARQUES, Walfredo. **A história do futebol paraibano (1908-1968)**. João Pessoa: União, 1975. p. 83-124.

MATOS, Maria Izilda S. de. Outras Histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica (orgs.). **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação de jovens de camadas populares**. Taubaté: Vogal, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. SciELO, 2000.

ROMANI, Jacqueline Pitanguy de. Mulher: natureza e sociedade. In: LUZ, Madel (org.). **O lugar da mulher**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.